

ALGUNS TERMOS DO LÉXICO DE VILA DA BICA, NO CEARÁ (PARTE 2)

ANTÔNIO NUNES MALVEIRA (ABRAFIL E PEDRO II)

Vila da Bica localiza-se a mais de 200 km de Fortaleza. Na revista número VIII da ABRAFIL registramos uma parcela do vocabulário regional usado pelos camponeses; e, agora, trazemos à baila a ultima parte dos termos pesquisados, uma vez que a televisão liquidou a existência de todos os termos colhidos da minha investigação. A TV Globo está ferindo nosso regionalismo, e, com isto, afeta a vida de nosso folclore.

Eis aqui, os últimos vocábulos que ainda encontrei.

Faço de demais – de boa vontade.

Caresma – quaresma.

Cardão - e não cordão (revista n.º VIII, 50).

Calefon (sutiã), e não calefar como saiu na Revista VIII, pág. 49.

Entons - então.

Jirome - Jerônimo.

Mangar - debochar.

Miunças - caprinos e ovinos.

Pinto pelado - paupérrimo; “Minha fia não casa com aquele pinto pelado”.

Inté (até) - muito usado pelos camponeses.

Cabra de tutano - valentão.

Otoridade - por autoridade.

Orora - por aurora.

Orgente - por urgente.

Uruvalho - por orvalho.

Mais mior.

Menos feio.

Croa - por coroa, pequeno espaço verde no Rio Jaguariba, depois das enchentes, usado pelos proprietários, onde plantavam melão, jerimum (Leite de Vasconcelos, Opúsculo).

Musturado - misturado.

Furdunço - bagunça.

Adespois - depois.

Respostar - responder.

Estambo, por estômago.

Pinguelo (ou pinguela) - Espécie de ponte tosca feita de pau. Palavra

muito usada no Minho (Leite de Vasconcelos).

Na vila o verbo ter tinha o sentido de parir e não de partir, como se acha na Revista n.º VIII, 53. A muié do compadre teve um menino que é um pai delgua”.

Ó xente - corresponde ao uai mineiro.

Jirau tinha o formato de uma mesa rude, feito de varas, fora da cozinha onde as mulheres guardavam as panelas. O jirau era composto de 4 forquilhas. Ali, guardavam-se todas as panelas, feitas de barro cozido pelas louceiras.

Carnicão - por carnegão.

Quebranto - para isto, existiam as rezadeiras.

Adonde - “Adonde vai tu seu Francisco”.

Aboiar - uma espécie de canção sem distinção das notas musicais, usada para acalmar as boiadas e obedeciam aos vaqueiros.

Lixandre - por Alexandre.

Mião - milho bem desenvolvido.

Barboleta – borboleta.

Terçado - falcão grande.

Bó - bom: “tio bó é homi muito bom”.

Muié buxuda (grávida), e não bulula como saiu na revista n.º VIII, página 41.

Troufe e trufe era comum entre cabeça de jumento – teimoso.

Veve – vive.

“Ele veve bem, tem muito gado, seu Marco”.

Fular - por falar.

Enxunda - por enxúndia (gordura da galinha).

Orde - por ordem.

Está com Deus - já morreu.

Conclusão

Como afirmei na parte 1 desta pesquisa, é necessário que se dê maior atenção à pesquisa dialectológica. Espera-se que muitos outros trabalhos semelhantes, ou até mesmo mais extensos, sejam publicados, a fim de que se conheça a imensa variedade de nosso léxico.

NOTA – Esta pesquisa é dedicada ao nosso grande Presidente de honra, Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VASCONCELOS, LEITE, Volume 1 – Filologia. Imprensa da Universidade de

Coimbra:

Coimbra, 1928

Foram consultados, ainda, os seguintes volumes do grande filólogo português:

Volume 2 – Dialectologia, 1928; volume 3 – Onomatologia, 1931; volume 4 – Filologia,

1929; volume 5 – Dialectologia, 1935; volume 6 – Dialectologia, 1935; volume

7 – Etnologia, 1935; volume 8 – Onomatologia, continuação do volume 3, 1931; volume

9 – Tradições Populares de Portugal, Casa Nacional da Moeda, 1986; volume

10 – Filologia, Barranquenha, Imprensa Nacional de Lisboa, 1955.

VITERBO. Elucidário das palavras, termos e frases. 3 edição crítica baseada nos manuscritos, 1965.